



Ministério

Adventista

*“O Senhor é o meu Pastor; nada me
faltará. Deitar-me faz em verdes pastos,
guia-me mansamente a águas tranqüilas.”*

Salmo 23: 1,2

Testemunho de Billy Sunday

Vinte e nove anos atrás, tendo o Espírito Santo como guia, penetrei pelo pórtico do Gênesis, percorri o corredor das galerias de arte do Velho Testamento, onde pendiam da parede quadros de Noé, Abraão, Moisés, José, Isaque, Jacó e Daniel.

Passsei pela sala de música dos Salmos onde o Espírito dedilha o teclado da Natureza até parecer que cada palheta e tubo do grande órgão de Deus se mostra sensível à harpa de Davi, o suave cantor de Israel.

Penetrei na câmara do Eclesiastes, onde é ouvida a voz do pregador, e na estufa de Sarom e do Lírio do Vale, onde agradáveis aromas me encheram e perfumaram a vida.

Penetrei na repartição de Provérbios e depois no observatório dos Profetas, onde vi telescópios de vários tamanhos apontando para eventos distantes, concentrando-se na brilhante Estrela da manhã que devia surgir sobre as enluaradas colinas da Judéia, para nossa salvação e redenção.

Ingressei na sala de audiência do Rei dos reis, apanhando uma visão escrita por Mateus, Marcos, Lucas e João. De lá fui à sala de correspondência em que Paulo, Pedro, Tiago e João redigiam suas epístolas.

Entre no compartimento real do Apocalipse, onde se elevam picos fulgurantes, e onde está assentado o Rei dos reis sobre Seu trono de glória, tendo nas mãos a cura dos povos, e exclamei:

O nome de Jesus saudai!
Ó anjos vos prostrai!
O grande Deus e o Filho Seu,
O Rei dos reis, louvai!
O grande Rei da Terra e Céu
Com glórias mil honrai!

— *The Christian Conquest.*





EDITORIAL

Homicidas Modernos

ENOCH DE OLIVEIRA

O DR. RICARDO HOFFMAN, psiquiatra de Nova York, declarou recentemente que os maiores assassinos contemporâneos são:

1. O calendário, que nos traz continuamente à lembrança os prazos de pagamento de dívidas e outros fatos que perturbam o homem, produzindo-lhe tensão nervosa e angústias, o que ele chama de tirania das apreensões;

2. O telefone, embora tão indispensável na vida moderna, produz irritação e esgotamento nervoso, causados pelo que ele qualifica de tirania das interrupções, ocasionando enfermidades do coração, úlceras pépticas, cálculos biliares ou renais; e

3. O relógio, que nos obriga a andar sempre agitados, contando os fragmentos do tempo, criando uma nova forma de despotismo — a tirania dos compromissos.

Pessoas de corpo e de espírito exauridos pelo desgaste provocado por estes três "assassinos" — disse o Dr. Hoffman — "devem, no fim do dia, ir mais cedo para a cama e deixar que a própria natureza se encarregue de restaurar o organismo cansado."

Entretanto, o homem que trabalha para Deus, não se submete à tirania destes "assassinos" modernos. Guiado pelo Espírito Santo, ele vence as apreensões, sobrepõe-se às interrupções e cumpre sem atropelos os compromissos constantes em sua agenda de trabalho.

A ação homicida destes três agentes denunciados por Hoffman, desaparece quando deles nos valemos corretamente, tendo como propósito a realização de um ministério eficaz.

Os pregadores de êxito são aqueles que se valem do calendário denominacional e secular para organizar um definido programa de sermões.

Quando lemos as datas especiais, constantes no calendário eclesástico, verificamos existem dias especiais que exigem sermões específicos, tais como O Altar da Família, O Dom do Espírito de Profecia, A Temperança, A Educação, A Vocação Ministerial, A Mordomia, A Colportagem etc. Estes dias especiais, bem como

outros consagrados no calendário secular, quando devidamente considerados no planejamento anual dos assuntos a serem pregados, estimulam a coleta antecipada de subsídios que enriquecerão os temas, propiciando ao pregador a possibilidade de uma exposição homilética mais brilhante.

Henry Sloan Coffin, escolhido para assumir a cátedra de Lyman Becker, em Yale, escreveu: "Distribuí os assuntos das pregações, tanto quanto possível, no terreno das previsões, durante um ano inteiro. . . . Impus-me começar um de meus sermões (ele pregava duas vezes por domingo) na terça-feira, pela manhã. Isto para evitar o acúmulo de trabalho no fim da semana." — *Here Is My Method*, págs. 53 e 54.

Coffin não era escravo de um calendário implacável, mas dele se valia para sistematizar os seus hábitos de trabalho.

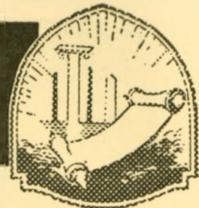
Falando aos estudantes de Teologia do Colégio Missionário de Washington, o Pastor H. M. S. Richards, diretor de *A Voz da Profecia*, responsabilizou o telefone como um elemento de perturbação, interrompendo, com reiterada frequência, o ministro em seu programa matinal de estudos, meditação e oração.

Como podemos sobrepor-nos à tirania destas interrupções suscitadas pelo telefone? Orientando a igreja a evitar durante as horas da manhã, todas as chamadas telefônicas que não tenham caráter urgente.

O telefone, entretanto — é oportuno que se mencione — bem pode transformar-se, nas mãos de um pastor negligente, em perigoso instrumento homicida. Inspirados no comodismo, alguns estão substituindo as visitas de casa em casa, pelas entrevistas telefônicas. Valem-se deste maravilhoso invento, para dialogar com os membros de sua igreja, pressupondo que tal recurso substitui o programa de visitação pastoral.

Salientando a indispensabilidade de um plano geral de visitas, escreveu George A. Buttrick:

(Continua na pág. 6)



Justificação pela Fé

OSCAR LINDQUIST

Pastor na Associação Paranaense



ALGUNS pensamentos do Espírito de Profecia focalizam bem a importância da doutrina da justificação pela fé para a vida e felicidade do crente:

“Saibamos que nossas igrejas estão morrendo por falta de ensino do assunto da justiça pela fé em Cristo e outros assuntos importantes.” (1) (Grifo nosso.)

“Justificação pela fé e a justiça de Cristo são os temas que devem ser apresentados a um mundo que perece.” (2)

Sendo este o tema a ser apresentado a um “mundo que perece,” não o deveria ser igualmente às nossas igrejas? pois estão morrendo por sua falta!

Perguntai uma vez aos candidatos ao batismo se o homem pode ser salvo pela guarda da lei, e a porcentagem alta de respostas afirmativas vos convencerá de que de fato é este um assunto que não está recebendo a atenção que deveria receber. Não há muita compreensão dos passos de nossa salvação. Mas há grande desejo de saber, muita expectativa de conhecer melhor o caminho e como chegar ao “Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo.”

É-nos dito que a mensagem da justificação pela fé é “a mensagem de Deus,” a “mensagem da verdade,” a “verdade como é em Cristo,” a “mensagem que Deus ordenou fôsse dada ao mundo,” a “mensagem que leva as credenciais do Céu,” e a “mensagem do terceiro anjo em linhas distintas e claras.” (3)

Esta é a mais sublime verdade jamais revelada ao homem, e é consolador saber que “um interesse prevalecerá, um assunto absorverá todos os outros — Cristo, nossa Justiça.” (4) E quando esta verdade fôr mais amplamente compreendida, então nova vida, uma experiência

mais profunda permeará toda a igreja e a preparará para o derramamento da chuva serôdia. Precisamos como nunca esta experiência a fim de poder terminar, com o poder de Deus, a tarefa diante de nós. W. H. Branson pensa que o “Espírito Santo virá em todo o poder quando a igreja de Deus se apoderar da justiça de Cristo pela fé como uma experiência viva e pessoal.” (5)

Para compreender melhor o assunto da justificação pela fé, convém têmos uma breve idéia da

História de sua Influência

na igreja. Naturalmente nós nos recordamos de que os primeiros membros da nossa Igreja eram pessoas vindas de várias igrejas evangélicas: metodistas, batistas, anglicanos etc., e que não somente aceitavam esta doutrina e nela criam, mas era-lhes uma experiência feliz, viva e pessoal. Não havia pois problema relacionado com esta doutrina. Toda a sua atenção se focalizava nas doutrinas distintivas do Movimento do Advento: guarda da lei, sábado, imortalidade condicional, vinda de Jesus etc. Não tomavam tempo em discutir o que lhes era ponto pacífico, aceito por todos.

Mas, com o correr dos anos, centenas e milhares de membros novos se filiaram à igreja. Muitos deles eram filhos de membros da nossa denominação, e talvez nunca tivessem ouvido falar da justificação pela fé. Este assunto, como já vimos, era tomado como subentendido, e assim, através dos anos, chegou a ficar num lugar secundário, relegado a segundo plano, até quase vir a ser perdido de vista. Surgem, então, da parte da serva do Senhor, advertências quanto ao perigo do legalismo, exortações cada vez mais freqüentes no sentido de dar-se a Cristo uma posição mais central, bem como demonstrações da necessidade de aceitá-Lo e a Sua salvação pela fé. Sua preocupação se acha expres-

sa nas seguintes palavras: "Há verdades há muito escondidas sob o entulho do erro e que devem ser reveladas ao povo. Muitos que professam crer a verdade do terceiro anjo, perderam de vista a doutrina da justificação pela fé." (Grifo nosso.) (6)

Examinando-se a literatura dos nossos primeiros anos de existência como igreja, (7) nota-se o que acima foi dito: a aceitação desta doutrina era pacífica, mas pouco ou nenhum destaque se lhe dava. Perdia-se de vista no meio a outros assuntos de mais atualidade para eles, e maior interesse. O pouco que se escreveu vinha principalmente da pena de Tiago e E. G. White. Assim em julho de 1849, Tiago White escreveu em *The Present Truth* que guardar os mandamentos, ainda que importante, "não salvará a ninguém," e que "devemos ter ativa e viva fé em Jesus." Em 1852, comentando Gálatas 5:4, fala dos que "esperam justificação somente em Cristo," "que é a única fonte de justificação." Disse que "alguém poderá observar a letra de todos os mandamentos e ainda, se não é justificado pela fé em Jesus, não ter direito à árvore da vida." (8)

Em 1882, E. G. White em um APÊLO escrito especialmente para ser lido em reuniões campais, disse que "devemos renunciar à nossa própria justiça e rogar que a justiça de Cristo

A Bíblia Contém: _____

A mente de Deus,
A condição do homem,
O caminho da salvação,
A condenação dos pecadores,
A felicidade dos crentes,
Luz para orientar-vos,
Verdade para amparar-vos,
Conforto para animar-vos.

— *The Signs of the Times*

nos seja imputada" "Deus não poupou Seu próprio Filho, antes O entregou à morte por nossas ofensas e O ressuscitou para nossa justificação. Por Cristo podemos apresentar nossos pedidos ao trono da graça." (9) Um ano depois ela disse em uma reunião da Assembléia da Associação Geral reunida em Battle Creek, que "nada, a não ser a Sua justiça pode habilitar-nos a uma simples bênção do concêrto da graça. Por longo tempo temos procurado obter estas bênçãos, porém, não as recebemos, porque alimentamos a idéia de que pudéssemos fazer algo para tornar-nos dignos delas." (10)

Apesar de existirem, eram estas referências à justificação pela fé esparsas, e sua análise

leva a Norval F. Pease a afirmar que as "revistas e os livros dêste período revelam a pobreza neste assunto (11), e que até êste tempo (1877) os pontos que trataram dêste tema, o mencionaram como importante doutrina teológica, mas não lhe deram muita importância." (12)

Mudança na Atitude da Igreja

Na década de 1880, porém, operou-se uma notável mudança para melhor na atitude de um número cada vez maior de nossos dirigentes e ministros. Mesmo nossa revista denominacional *SIGNS* reflete esta mudança na sua política editorial. Em 1884 J. H. Waggoner publica uma série de artigos sobre REDENÇÃO, e E. G. Waggoner uma sobre o assunto específico da JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ. Também em reuniões, cada vez mais freqüentemente é abordado êste assunto importante para a vida evangélica da igreja. As pequenas luzes de antes rapidamente se transformam num caudal imenso a iluminar a mente e a trazer alegria da salvação aos corações aflitos, ainda que não sem lutas e decepções. Após uma série de sermões sem dúvida felizes, sobre o assunto em foco, E. G. White faz o seguinte comentário: "O Senhor em Sua grande misericórdia, enviou uma mensagem sumamente preciosa ao Seu povo por intermédio dos irmãos Waggoner e Jones. . . . Esta mensagem apresentava a justificação pela fé no Senhor, convidava o povo a receber a justiça de Cristo que é manifestada pela obediência a todos os mandamentos de Deus. Muitos haviam perdido de vista a Jesus. Era necessário que seus olhos fossem dirigidos à Sua divina pessoa, Seus méritos e Seu imutável amor pela família humana. . . . Esta crença é a vida da Igreja. . . . Êste é o testemunho que deve ir a todo o mundo. . . . Estes — os que assim creem — não têm somente uma simples crença nominal, uma teoria da verdade, uma religião legalista, mas a sua crença tem um propósito e se apropriam dos maiores e mais preciosos dons de Deus." (13) Rapidamente outras vozes se unem a estas e se avolumam até alcançarem seu clímax na reunião da Assembléia da Associação Geral de 1888, em Mineápolis, Minnesota, Estados Unidos da América. Existia agora um clima propício ao estudo, e à discussão generalizada desta grande verdade. Nos anos subseqüentes muitos revêm sua posição e se apercebem do perigo de a Igreja enveredar por sendas legalistas. Um grande e maravilhoso reavivamento é o resultado. Não porém — infelizmente é preciso dizer isto — sem lutas e oposição. Há os que se apegam à posição de que devem ser pregados os temas específicos da mensagem adventista. Novamente a mensageira do Senhor faz ouvir sua advertência nas seguintes palavras: "Há, porém, os

que desprezam os homens e a mensagem que eles trouxeram. Eles têm sido acusados de fanáticos, extremistas e entusiastas. Permiti-me dizer-vos: A não ser que rapidamente humilheis o coração diante de Deus e confesseis vossos pecados que são muitos, vereis, tarde demais, que estivestes lutando contra Deus.” (14)

Infelizmente não há tempo nem espaço para entrar mais pormenorizadamente no que foi discutido naquela importante reunião. Mas foi suficientemente importante para mudar o curso da igreja. Resumindo, notemos que:

a) A doutrina da Justificação pela Fé foi discutida ampla e livremente, e trouxe seus iniludíveis benefícios.

b) Houve vigorosa oposição, baseando-se os opositores no argumento de que a igreja sempre creu na doutrina da justificação pela fé.

c) Houve os que viam perigo em focalizar demais este tema, pois prejudicaria nossas doutrinas específicas.

d) E finalmente houve os que temiam houvesse uma volta ao espírito das igrejas protestantes de onde havíamos saído.

Graças a Deus, a semente lançada em terra, então, brotou e produziu frutos. A doutrina da justificação pela fé foi sublimada de então para cá, como nunca antes. E. G. White e os Pastores Jones e Waggoner começaram a viajar extensamente, e os resultados foram os mais animadores possíveis. Vejamos alguns

Testemunhos

“Um progresso decidido em espiritualidade, piedade, caridade e atividade, tem sido o resultado das reuniões especiais da igreja de Battle Creek.” (15)

“Houve muitos, mesmo entre os ministros, que agora viam a verdade como é em Cristo, numa luz como nunca antes tinham visto. Viam agora a Salvador como UM que perdoa os pecados, e a verdade como santificadora da alma.” (16)

“Tivemos abundante luz nestas reuniões e devemos andar nela. . . Não mais devemos pregar sermões destituídos de Cristo, nem viver vidas sem Ele.” (17)

“Quando a doutrina da justificação pela fé foi apresentada em Roma, veio para muitos como água para um viajor sedento.” (18)

Ouçamos somente mais um testemunho, o do presidente da Associação Geral, referindo-se às reuniões de Kalamazoo: “O Pastor E. J. Waggoner apresentou o tema da justificação pela fé com muita clareza, e para alegria de muitos, as verdades do terceiro anjo pareciam ainda mais preciosas e repletas de poder.” (19)

Sim, “ela traz as credenciais do Céu.”

BIBLIOGRAFIA

1. Citado por Taylor G. Bunch, em *Review and Herald*, 28-5-54.
2. *The SDA Bible Commentary*, Vol. 6, pág. 964.
3. Citado por T. G. Bunch, em *Review and Herald*, 28-5-54.
4. *Our Firm Foundation*, pág. 578.
5. *Idem*, pág. 606.
6. *Selected Messages*, Vol. 1, pág. 366.
7. Tomamos como base o livro *By Faith Alone*, de Norval F. Pease.
8. *Idem*, pág. 108.
9. *Testimonies*, Vol. 5, pág. 217.
10. *By Faith Alone*, pág. 118.
11. *Idem*, pág. 109.
12. *Idem*, pág. 111.
13. *Testimonies to Ministers and Gospel Workers*, págs. 91-98.
14. *Idem*, 97.
15. *By Faith Alone*, pág. 148.
16. *Ibidem*.
17. *Ibidem*.
18. *Idem*, pág. 149.

Homicidas Modernos

(Continuação da pág. 3)

“*Gastando a sola dos sapatos, e os pneus do automóvel, edificais uma igreja espiritual.*” — *Pastoral Work*, pág. 13.

A força de um pastor consiste, em grande parte, em conhecer o seu rebanho. E jamais o conhecerá em suas disposições, hábitos e necessidades, valendo-se unicamente de um telefone impessoal.

O relógio, com efeito, constitui cruel despoja para aqueles que não sabem organizar o tempo, ordenando-o dentro do ritmo cronométrico das horas.

Ignorando o valor do tempo, alguns ministros encham as preciosas horas do dia, com ocupações de natureza comum, relegando o estudo e a meditação, a um segundo plano. Aproxima-se o sábado, e uma inquietante pergunta lhes agita a mente: “QUE PREGAREI?” O tempo urge, as horas se escoam rapidamente, e de modo açodado reúnem o material necessário para um sermão. Ordenam alguns pensamentos, evidentemente sem uma amadurecida reflexão, e, assomando ao púlpito, com insegurança e desconforto, os apresentam à congregação.

Eis, em traços ligeiros, a infeliz história de um sermão fracassado.

Disse a irmã White: “A razão por que tantos de nossos ministros pregam sermões fracos, sem vida, é deixarem que uma porção de coisas de natureza mundana lhes ocupem o tempo e a atenção.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 269.

Em tais casos torna-se evidente a ação homicida do relógio.

Os Discos Voadores e o Espiritismo-I

MIGUEL ALVAREZ

Pastor da Igreja de Tandil, Buenos Aires, Argentina

Informações Precursoras

GRAÇAS aos dados que possuímos, a observação dos discos voadores remonta a muito tempo atrás, embora se presuma que as primeiras manifestações foram prestadas pelos pilotos combatentes da famosa *Luftwaffe* alemã, que no início das hostilidades da Primeira Guerra Mundial dominavam virtualmente o espaço. O mesmo fizeram os pilotos da Real Força Aérea Britânica. Ambas essas forças levaram ao conhecimento de suas respectivas entidades superiores a existência de certos fenômenos de forma alongada como a de um cigarro, ou bem circular, que desenvolviam fantásticas velocidades, rodeados de certa luminosidade.

Posteriormente, um homem de negócios dos Estados Unidos, Kenneth Arnold, de digna reputação e fé, foi por assim dizer o precursor desta onda de evidências, quando, no dia 24 de junho de 1947, numa viagem que realizava em seu avião particular, de Chechalis a Yakima, no Estado de Washington, sucedeu-lhe que ao passar justo sobre o Monte Rainier, conseguiu divisar uma série de grandes discos brilhantes, que em seu relatório, por motivo das formas que apresentavam, identificou como "discos voadores." Daí procede a origem do nome que têm.

Pouco tempo depois se registra que Carlos Mandell, veterano da guerra aérea no Pacífico, empreendeu uma façanha transcendental em 7 de janeiro de 1948, quando recebeu ordem de levantar vôo da base aérea de Godman Field, onde prestava serviço, com três caças tipo F. 51 Mustang, porquanto sobre Madisonville se havia detido um disco de grandes proporções. A perseguição que Mandell fez a esse artefato culminou, segundo os relatos dos periódicos, com a queda de sua máquina, deixando irreconhecível o corpo do audaz piloto.¹

Testemunhos Científicos, Militares e Outros

"O presidente da Sociedade Alemã de Astronáutica, um dos inventores da famosa V. 2, Prof. Herman Oberth, opina que existem os discos voadores. Assinalou que essas aparições não são recentes, mas que se vêm processando

no mundo desde há séculos, postos agora, porém, em maior evidência pelo telescópio e o radar."²

Hugo Dominici, astrônomo italiano, supõe que os discos voadores procedem de Marte, e o astrofísico João Sadan, de Oslo, baseado em estudos e experiências que realiza desde há muito tempo, afirma tratar-se de aeronaves lançadas de outros planetas.

O Instituto de Meteoritos do Novo México, dirigido pelo Dr. Lincon la Pez, foi categórico em afirmar que nenhum fenômeno cósmico ou atmosférico é capaz de menor manobra ou modificação em sua trajetória, contrariamente ao que ocorre com os discos voadores. O diretor do observatório da Escócia assegura haver fotografado um disco voador e conversado com um tripulante do veículo espacial, o qual lhe disse que procedia de Marte, revelando-lhe que usam outros planetas como gigantescas bases espaciais; por outro lado, o famoso astrônomo Clyde Tomough, diretor do observatório do Novo México, EE. UU., e descobridor do planeta Plutão, tem expressado sua opinião, entre outros homens de ciência, com estas palavras textuais: "Tenho passado milhares de horas observando o céu e nunca vi algo mais extraordinário e inexplicável do que um disco voador que sobrevoou esta região."³

Nos Estados Unidos se desenvolveu grave problema em torno do mistério que parece envolver a estes objetos voadores.

"A Força Aérea dos Estados Unidos publicou em Washington um relatório negando que os referidos discos venham de outro planeta, após haver investigado a operação de 7.000 deles."⁴

O Major Donald Keyhoe, porém, tem levado o assunto a insistentes polémicas em favor da existência do mistério mais sensacional de nosso século, de tal maneira que já escreveu várias obras a respeito. A Coleção Aeronáutica Argentina publicou um trabalho intitulado: "Discos Voadores do Espaço." As observações feitas se têm concretizado tanto no setor da experiência aeronáutica como no domínio científico, embora seja verdade que suas afirmações foram desmentidas uma ou outra vez pelo Ministério de Aeronáutica, para evitar a como-

ção pública. Cumpre recordar que em 1952 produziu-se uma espécie de inquietação coletiva tendente à histeria, provocada por uma série de aparições de discos voadores. A Força Aérea Norte-Americana fez uma declaração pública atribuindo as visões a:

- 1) Fenômenos ópticos atmosféricos
- 2) Manifestações de sugestão
- 3) Fantasias com vistas a notoriedade da parte dos informantes.

O público, entretanto, repeliu de pronto tais explicações, devido a que por diversos condutos transcendeu o relatório reservado do Centro de Informações Técnicas Aéreas, que afirmava: "A Força Aérea e seu organismo investigador, o Projeto Livro Azul, concordam em que as conclusões do Major Donald Keyhoe, no sentido de que os discos voadores provêm de outros planetas, são perfeitamente factíveis. Parte de nosso pessoal compreende que pode existir alguma influência de mentes poderosas, dentro dos fenômenos conhecidos por magnetismo e sugestão; outros crêem na existência de fenômenos naturais desconhecidos, pelo menos para nós."

"Mas se as manobras controladas, de que informam nossos observadores competentes, são corretas, a única explicação que resta é a interplanetária. 'Menzel' está equivocado. Sua teoria explica somente parte dos casos observados. Nenhum estudioso de destaque aceitou suas conclusões, considerando-as imperfeitas e precipitadas." 5

(NOTA: O professor de Harvard, Menzel, avistou um disco voador do volante de seu automóvel. Quis explicar o fenômeno atribuindo-o ao contato de duas camadas de distintas temperaturas na atmosfera, manifestando que o ar quente que permanece entre duas camadas frias lança para baixo a luz irradiada por qualquer foco luminoso. A camada quente faz as vezes de uma pantalha natural, sobre a qual se projetam imagens que parecem deslocar-se a fantásticas velocidades sobre o fundo do céu. Frequentemente o ar quente contém pó e este aumenta o poder de refração.)

O Major Keyhoe, sem desmentir a teoria de Menzel, declarou que os relatórios do radar provam não serem os discos voadores simples luzes, mas corpos positivamente sólidos. Acusou por outro lado a Força Aérea de ocultar importantes dados probatórios de que os discos voadores constituem aparelhos de reconhecimento enviados por outros planetas, sob o pretexto de evitar

um sentimento de alarma geral. Grande número de homens de ciência e militares apoiaram a teoria do Major Keyhoe, incluindo 40.000 denúncias de observações feitas por testemunhas oculares, muitas delas coletivas. Outras se achavam registadas em cartões e milhares recontavam a nada menos que 2.000 anos no passado, quando não existia a tecnologia moderna.

Além disso, declarou o Major Keyhoe: "Estamos travando contato com seres de outros mundos? Isto poderia constituir a maior aventura de todos os tempos; acautelemo-nos, porém, do pânico e da violência de nossos próprios povos, e impeçamos que qualquer erro trágico transforme pacíficos visitantes interplanetários em inimigos mortais. Estes dramáticos momentos iniciais podem decidir o destino do mundo." 6

Em vista das declarações precedentes, a Força Aérea dos Estados Unidos traçou um novo enunciado, em cujo relato se fixavam quatro possíveis teorias sobre a origem dos discos voadores, mas que finalmente foram reduzidas a uma só.

As teorias se resumiam nas seguintes possibilidades:

- 1) Manifestações, sob formas luminosas, da transmutação da energia nuclear.
- 2) Armas secretas de espionagem e guerra das grandes potências.
- 3) Fenômenos celestes naturais, produto da refração.
- 4) Aparelhos de reconhecimento enviados de outros planetas.

A primeira das teorias foi eliminada diante da declaração do Dr. Haroldo Urey, da Universidade de Chicago, que disse: "É perfeitamente possível a transmutação da matéria, mas não a da energia."

A segunda concepção, de que fossem armas secretas, também foi afastada, pois os objetos luminosos observados, que de repente ficam estáticos e num instante se deslocam a 10.000 km por hora, que sobem e descem perpendicularmente ou dão giros de 90 a 180 graus, não podem atribuir-se a armas secretas dos Estados Unidos ou da Rússia, cujos aparelhos jamais alcançaram semelhante capacidade de manobra.

Apresentar a Verdade com Mansidão

"Sede mensageiros circunspetos. Não sejais ansiosos para ouvir e aceitar novas teorias, pois amiúde são de tal maneira que nunca deviam ser apresentadas diante de alguma congregação. Não profirais palavras jactanciosas e de exaltação própria. Deixai que a Palavra de Deus brote de lábios que sejam santificados pela verdade. Todo ministro deve pregar a verdade como ela é em Jesus. Ele deve ter certeza do que afirma, e manejar a Palavra de Deus sob a direção do Espírito Santo do Senhor. Andai e labutai cautelosamente diante de Deus, meus irmãos, para que nenhuma alma seja conduzida ao engano por vosso exemplo. Ser-vos-ia melhor nunca haverdes nascido do que desencaminhardes uma alma." — *Selected Messages*, Vol. 1, págs. 158 e 159.

A terceira possibilidade somente explica algumas observações, mas o radar, como deu a conhecer o Major Keyhoe, prova que os discos voadores não são simples luzes, e, sim, corpos positivamente sólidos.

Permanece em pé a última teoria, cuja validade foi aumentada pelas afirmações do Gen. MacArthur, o qual, estando alheio a todo objetivo de notoriedade e tendo acesso, em virtude de sua elevada posição militar, a relatórios confidenciais destinados a reservar-se ao círculo das altas esferas governantes dos Estados Unidos, afirmou: "Encontramo-nos sob constante observação de criaturas provenientes de outros mundos. Os Estados Unidos e a União Soviética devem unir-se antes de que seja demasiado tarde para enfrentar uma possível invasão de nosso planeta." ⁷

Incluiremos neste artigo outros valiosos testemunhos, alguns dos quais se originaram na América do Sul.

BRASIL

Neste país se realizou uma conferência da imprensa no Instituto Geográfico de São Salvador, Bahia. A mesa que a presidiu estava integrada pelo Gen. João de Almeida Freitas, comandante da 1ª Região Militar; pelo Almirante Otávio da Silveira Carneiro, comandante do 2º. Distrito Naval; pelo Coronel-aviador Alfonso Celso Parreiras Horta, comandante da 1ª Base Aérea do Salvador; e por outros.

O Engº. João Martins apresentou suas observações e estudos sobre o assunto dos discos voadores. Disse que há 10 anos estava em andamento um plano sistemático, praticamente militar, de reconhecimento de nossa terra, de nossos meios de transporte e de defesa, dos pontos estratégicos, para uma possível descida de caráter definitivo e permanente... Uma coisa ficou patente: agressivos ou não, os discos voadores devem ser encarados com seriedade e objetividade.

Dez dias após a dissertação precedente, um objeto luminoso foi visto do quartel-general de S. Salvador, durante cerca de duas horas, sendo observado por oficiais, suboficiais e soldados. ⁸

ARGENTINA

A Comissão Observadora de Objetos Voadores não Identificados (CODOVNI), expressou-se da seguinte maneira através de um comunicado: "Esta Comissão, único organismo que estuda no país o problema dos discos voadores com critério estritamente científico e baseado em fatos concretos... (após) minuciosos estudos... sobre os sérios testemunhos existentes no mundo inteiro, foi levada a opinar que os discos são REAIS e procedem, quase seguramente, do espaço. Todavia, a condição atual das investigações sérias não permite ir mais

além, dando provas concretas sobre a procedência, tripulantes e intenções." ⁹

Declarou-se também numa mesa-redonda organizada pela Juventude do Ateneu Cultural Ibero-Americano, em que se entreteceram comentários a respeito dos discos voadores, achando-se presentes os Engºs. Secundino Rey e Carlos Chichel de IDEA, e o Sr. Paulo Michalcoski, da Comissão de Estudos e Difusão de Astronáutica e Objetos Voadores: "Podemos assegurar que não são terrestres, porque se os Estados Unidos e a Rússia os possuíssem, não haveriam gastado enormes somas na produção de foguetes."

Concepções Teológicas

FONTES CATÓLICAS

Em Bonn celebrou-se uma reunião de sociólogos católicos, que foi propagada pela imprensa da Alemanha Ocidental.

Analisando o problema dos discos voadores, a impressão unânime foi que o assunto transcende às observações astronômicas e meteorológicas, para penetrar no domínio da metafísica.

O Padre F. Dessaurer, residente em Munique, considerado verdadeira autoridade como exegeta e filósofo bíblico, afirmou: "Os seres desconhecidos de outros planetas devem ser considerados como pessoas, do ponto de vista filosófico, e como criaturas de Deus, do ponto de vista teológico." ¹⁰

O escritor Daniel Rops, no semanário parisiense "Carrefour" apresentou uma dissertação relacionada com os discos voadores, que devido a suas conjeturas revolucionou o mundo da teologia, pois levava o título: "E SE OS DISCOS VOADORES FOSSEM ANJOS?"

Este célebre escritor católico faz uma séria reflexão sobre o assunto, manifestando que as Escrituras Sagradas não negam a existência de outros seres diferentes dos homens, de outros habitantes do universo, providos de inteligência, como por exemplo os anjos.

Assinalou Rops, que a presença dos discos voadores é tratada com suma seriedade dentro da ordem religiosa dos jesuítas, a que pertence um amigo seu, a ponto de haver entre seus componentes os que conjeturam que se não forem anjos as referidas manifestações, compõem-se possivelmente de criaturas perfeitas e sem mancha de pecado, que existiriam antes de Adão.

O escritor Gastão Lenormand expressou-se assim: "A possibilidade de que os discos voadores sejam tripulados por indivíduos angélicos, segundo a audaz concepção de Rops, ou de seres isentos de pecado, segundo a opinião do pastor protestante, não somente interessa ao mundo cristão, mas também ao muçulmano, ao budista e aos Lamas do Tibete. Sabe-se igual-

O Pecado

O homem chama o pecado de casualidade;
Deus chama o pecado de abominação.
O homem chama o pecado de disparate;
Deus chama o pecado de cegueira.
O homem chama o pecado de acaso;
Deus chama o pecado de preferência.
O homem chama o pecado de defeito;
Deus chama o pecado de enfermidade.
O homem chama o pecado de êrro;
Deus chama o pecado de inimizade.
O homem chama o pecado de fascinação;
Deus chama o pecado de obcecação.
O homem chama o pecado de fraqueza;
Deus chama o pecado de iniquidade.
O homem chama o pecado de luxo;
Deus chama o pecado de lepra.
O homem chama o pecado de liberdade;
Deus chama o pecado de desordem.
O homem chama o pecado de bagatela;
Deus chama o pecado de tragédia.
O homem chama o pecado de engano;
Deus chama o pecado de loucura.

mente que o Observatório Espectroscópico do Vaticano vem reunindo antecedentes relacionados com o grande mistério do Século XX. Este Instituto se especializa em aerólitos, e existem nos domínios pontificais outros organismos técnicos, que até este momento não têm dado a conhecer seu relatório definitivo, que os cren-tes aguardam com justificada expectativa, já que não se atrevem a crer sem reservas que os estranhos aeronautas sejam criaturas de Deus.

“Esta possibilidade tem sido analisada do ponto de vista teológico... por verdadeiras personalidades de categoria eclesiástica, que não a repelem de supetão, inclinando-se a maioria dêles a defender a teoria de que tais visitantes são de outros planêtas.”¹¹

FONTES PROTESTANTES

Faz vários anos, um pastor protestante proferiu um sermão sensacional. Destacou a altivez *sui generis* do homem, e mencionou estar a presença dos discos voadores demonstrando que o mais elevado gênio da raça humana ficou reduzido à mínima expressão, diante do que se percebe como a “revelação de uma técnica superior à nossa.”

Asseverou o conferencista: “Não devemos atribuir-nos o que é exclusividade de Deus, porque tudo parece indicar que o Supremo Criador, na incomensurável imensidão do cosmos, conta com um número incomensurável de outras criaturas, que têm aproveitado melhor do que nós sua capacidade mental. Nesse sentido, como os supostos tripulantes dessas fantásticas naves voadoras, são seres superiores e protegi-

dos pela vontade divina, e não os deveríamos temer, antes facilitar sua comunicação com a Terra.”¹²

TESTEMUNHOS DIVERSOS

Entre os diversos testemunhos que convém destacar, encontra-se o que foi publicado por um autor europeu, o qual asseverou que no dia 23 de abril de 1954, em certo lugar da Normandia, um lavrador chamado Monty, além de presenciar a evolução de um disco voador, teve a oportunidade de falar com um de seus tripulantes. Segundo declarações de Monty a um repórter, depois de restabelecido da impressão que lhe produziu a presença do veículo espacial, um homenzinho de pouco mais de um metro de altura, trajando um fato de tecido brilhante e capacete protetor na cabeça, entabulou com êle uma animada conversação. Conquanto o idioma em que se expressaram fôsse passado por alto na narração, o lavrador recebeu da parte do visitante, ao indagar sua origem, a seguinte resposta: “SOMOS ENVIADOS DO CÉU.”

A êste relato acrescenta-se o que ocorreu a um vendedor de cosméticos, chamado Charley Dupuy, que manteve, segundo foi expressado por uma revista francesa, um diálogo com um dos homenzinhos que parecem visitar os habitantes da Terra. Refere o expositor, que teve a oportunidade de conversar com um dos condutores de um disco voador, de tez branca, e cujos cabelos não pôde contemplar devido a estarem cobertos por um capacete protetor. Afirmou o comerciante que manteve com o tripulante um colóquio em perfeito francês, sendo interrogado acêrca da topografia do lugar. Quase imediatamente, e de um salto, o visitante subiu à cabina de comando, e depois de fechar a portinhola, o disco voador se elevou deixando atrás de si brilhante rasto de luz.¹³

DAS REGIÕES MISTERIOSAS DO ORIENTE

Desperta poderosamente a atenção, que a crença de que os seres humanos recebem visitas de criaturas de outros planêtas, em veículos espaciais conhecidos por “discos voadores,” não se limita à vigente concepção ocidental, nem se reduz exclusivamente ao plano dos pensadores que opinam dentro do denominado cristianismo, mas transcende ao campo das religiões um tanto misteriosas do Oriente. Temos um exemplo disto no que afirmaram alguns Lamas do Tibete: “Cremos firmemente que tornamos a nascer depois de certo tempo. Mas não somente nesta Terra. Há milhões de mundos, e sabemos que a maioria dêles são habitados.

(Continua na pág. 14)



Pastor Tíquico

RODOLPHO BELZ

Presidente da União Este-Brasileira



NÃO sei se conheceis este pastor. Espero que sim. Tíquico era o homem de absoluta confiança do apóstolo São Paulo. Ele era enviado às igrejas para levar informações sobre o andamento da Obra em geral. Parece um trabalho tão simples, mas era de grande responsabilidade. Vejamos o que diz o apóstolo Paulo: "E para que saibais também a meu respeito, e o que faço, de tudo vos informará Tíquico, o irmão amado, e fiel ministro do Senhor. Foi para isso que eu vo-lo enviei, para que saibais a nosso respeito." (1) O mesmo trabalho lhe foi confiado junto aos colossenses. (2)

Igualmente, "Tito, verdadeiro filho, segundo a fé comum..." recebe por intermédio de Tíquico as informações e instruções do seu pai espiritual. (3)

Prezados colegas do ministério: Tenho grande respeito por este servo de Deus. Poucas vezes o seu nome é mencionado nas Sagradas Letras. Não escreveu nenhuma epístola; não se fala dos seus grandes discursos pronunciados; não se menciona que tenha organizado ou construído igrejas; que convocasse anciãos ou diáconos; fizesse milagres ou trabalho extraordinário; mas foi encarregado de um dos trabalhos, creio eu, dos mais difíceis: S.rvir como *elo de ligação entre o ministério e as igrejas*. Era o "Boletim Vivo" de Paulo aos seus conversos. Era o coordenador, diríamos hoje, o homem de relações públicas e humanas entre as comunidades cristãs e o apóstolado. Era o homem que sabia calar na hora precisa e falar para levar conforto e confirmar as igrejas, mostrando como Deus está abençoando o Ministério da Palavra. *Grande caráter, esse Pastor Tíquico.*

Amigo pastor, o que o irmão conta ao pas-

sar pelas igrejas? De que fala ao encontrar-se com outro colega do ministério? Quantas vezes a gente ouve o seguinte: "Não confio no Pastor..." Em outras ocasiões: "Com o Pastor... eu não quero falar." Ainda com tristeza ouvimos: "Eu tinha em grande honra o Pastor..., mas agora não mais..." O que aconteceu, por que os membros escolhem e rejeitam os seus pastores confidentes? Algo deve estar errado. Vejamos alguns dos testemunhos que a serva do Senhor nos transmite: "Há pecadores no ministério... Deus não trabalha com eles, pois não pode suportar a presença do pecado... Se quiserdes ser santos nos Céus, primeiramente precisais ser santos na Terra. Há grande necessidade de nossos irmãos vencerem faltas secretas. Sobre eles pende, como nuvem, o desprazer de Deus. *As igrejas são fracas*. O egoísmo, a falta de caridade, a cobiça, a inveja, as más suspeitas, a falsidade, o roubo, o furto, a sensualidade, a licenciosidade e o adultério estão registados contra alguns que dizem crer na solene e sagrada verdade para este tempo... Ministros, por amor de Cristo, começai a trabalhar por vós mesmos; devido a vossa vida não santificada, *tendes pôsto pedras de tropeço diante de vossos próprios filhos e diante dos incrédulos*. Alguns de vós vos moveis por impulso, agis por paixão ou preconceito, e trazeis a Deus ofertas impuras e maculadas. Por amor de Cristo, purificai o acampamento, começando, pela Sua graça, a obra de purificar a alma da corrupção moral. Um ministro folgazão no púlpito, ou o que se está esforçando ao máximo para granjear louvor, é um espetáculo que crucifica novamente o Filho de Deus, e O envergonha abertamente." — *Test. para Ministros*, págs. 145-147.

"Ide aos que se supõem estarem errados, falai com eles não trabalhando com duplicidade

(Continua na pág. 23)

Solicitude Pelas Pessoas



QUANDO a igreja perde a solicitude, perde a Cristo. Nosso Salvador bem podia ser chamado de O Solícito, pois a solicitude é a nota tônica de Seu trato com a humanidade. A cruz reflete esta qualidade fundamental do Seu caráter. "A alma que se entregou a Cristo é mais preciosa a Seus olhos do que todo o mundo. O Salvador teria passado pela agonia do Calvário para que uma única alma fôsse salva no Seu reino." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 362.

O pastor deve manifestar esta solicitude em seu ministério, pois o verdadeiro ministério está centralizado naquele que é solícito. Ao fazer isto, estará ele dando importante passo em despertar o mesmo interesse no coração de seus membros. E no mundo despreocupado de hoje é esta uma contribuição necessária. Constitui um incentivo para o espírito de avivamento ambicionado por muitas congregações. Quando os membros percebem interesse por parte do pastor, quando a solicitude inunda as mensagens no sábado de manhã, quando a necessidade humana é satisfeita através da pregação de Cristo e Sua plenitude, quando se manifesta desvêlo por meio do olhar, do tom da voz e das palavras proferidas junto à porta, quando a preocupação pelas almas impele o pastor a visitar os lares necessitados — efetuou-se um sólido início.

Mecanismos em Ponto Morto

Quando os membros começam a experimentar certa solicitude uns pelos outros, é provável que ocorra algo. Poderá ser alguma ação definida, ou então a cabal repressão deste renovado interesse na condição espiritual dos outros. Alguns, por decisão própria, começarão a visitar os fracos, os desanimados, os doentes e os faltosos. Mas a maioria não o fará. A semente da ação poderá estar ali, talvez exista a resolução de fazer algo "na semana que vem," mas o veículo da solicitude deter-se-á aí, belo em sua aparência, poderoso em sua energia latente — mas com o mecanismo em ponto morto! Alguém terá de engatar essas engrenagens! Frequentemente é a mão do pastor que suave, mas firmemente, faz esta mudança essencial. O signatário teve esta experiência.

Mais de 20% de nossos membros encontram-se em visível regressão espiritual. Isto não incluía os que eram inválidos ou que compareciam esporadicamente quando experimentavam grandes responsabilidades pessoais ou mesmo certa apatia espiritual. A posição do pas-

tor era clara — pela graça de Deus precisava recompor esse quadro!

Orando Pelos Apostatados

Seguiram-se meses de fervorosa e penetrante pregação. Nestas mensagens foram incluídos sermões sobre indiferença, técnicas de Satanás para arruinar a alma, a insensatez duma religião nominal, inventário espiritual, depressão, desânimo, o devido lugar da personalidade, o amor de Deus, estabilidade cristã, santificação, a Segunda Vinda, a vida e o ministério de Jesus, normas cristãs, e outros. No decorrer destes meses manifestou-se bastante solicitude pelas ovelhas tanto dentro como fora do rebanho. Constantemente trocávamos idéias a respeito da necessidade de reaver nossos membros ausentes, animando os desanimados, estimulando os inválidos, conquistando para Cristo nossa cidade de meio milhão de habitantes, sempre imaginando empenhar-se numa tenta-

Operação

HAROLD

Pastor em Mên

tiva cristã para salvar o maior número possível de pessoas. Ocasionalmente era feita discreta referência aos mais de vinte membros que seriam submetidos à disciplina da igreja a menos que nos interessássemos em auxiliá-los. Podeis imaginar as fervorosas orações que ascendiam ao Céu em nossos pequenos grupos de oração, tôdas as quartas-feiras à noite, à medida que foi crescendo nossa solicitude.

Organização sob Medida

Quando a Comissão Missionária de nossa igreja se reuniu a fim de elaborar os planos para o ano seguinte, estávamos preparados. Como dirigentes na igreja, eles desde o início manifestaram solicitude cristã, mas agora esse espírito se aprofundara e todos sabíamos que esta semente de cristianismo do Nôvo Testamento atingiria cabal desenvolvimento. Podeis ter certeza de que o pastor se dirigiu àquela reunião com uma prece nos lábios e um plano na mente!

Consideramos minuciosamente o plano. Pre-

cisávamos de organização, mas sem excessos. Sabíamos também que necessitávamos dum programa coordenado que abrangesse os principais departamentos da igreja, fazendo-os trabalhar unidos em vez de se sobrepor e rivalizarem entre si. A Comissão Missionária, composta dos diretores das atividades missionárias, dos anciãos, do presidente da Escola Sabatina e do diretor dos Missionários Voluntários, foi uma excelente comissão orientadora.

Como Impedir os Membros de Dormir nos Sábados à Tarde

Eis os principais pontos do plano que adotamos: Deveria ser um consistente e contínuo programa de visitação, cada semana. Não desejávamos nada que fôsse esporádico, de pouca duração e de diminuta utilidade. À noite já havia tantas atividades da igreja, que escolhemos os sábados à tarde como o melhor tempo disponível para isso. Adotamos o plano de

e então eram distribuídos os endereços das pessoas a serem visitadas.

Um grande mapa da cidade foi montado num pedaço de Celotex. O mapa foi dividido em amplos distritos geográficos, contendo unidades menores, e cada família era indicada por um alfinete numerado. Isto possibilitaria a rápida localização das famílias a serem visitadas pelas equipes.

Os nomes e as indicações das pessoas visitadas foram guardados num arquivo. Os nomes e os endereços das famílias da igreja eram anotados em ordem alfabética nos cartões. No canto direito, ao alto, foi colocado um número designativo, como por exemplo: IV-2 (3). Este código fazia alusão, respectivamente, ao número do distrito, à unidade dentro desse distrito e ao número do alfinete dessa família especial dentro da unidade. Atrás desta lista completa das famílias havia divisões de particular interesse para nossas equipes de visitação. Incluíam o seguinte: "Membros Ausentes," "Inválidos," "Pessoas que Não Frequentam a Escola Sabatina," e "Interessados Evangelísticos." Nestas divisões colocamos cartões em duplicata, apropriados à condição das pessoas que constituíam objeto de nosso interesse.

A seção dos "Membros Ausentes" recebia todos os nomes sob disciplina da igreja, além de alguns outros que se ausentavam da igreja durante várias semanas consecutivas. A dos "Inválidos" recebia os nomes de doentes e pessoas idosas que nunca, ou apenas ocasionalmente, frequentavam os cultos. Na parte do arquivo destinada aos que faltavam à Escola Sabatina, colocávamos cartões para cada membro que não comparecia durante dois sábados consecutivos — isto é, receberiam uma visita no segundo sábado à tarde, após haverem estado ausentes. Os "Interessados Evangelísticos" incluíam colegas e amigos dos membros da igreja, que tivessem algum interesse na Verdade, e outras pessoas mais. (Entretanto, o programa de visitação devia começar "na casa de Deus," com simples visitas de interesse e solicitude, demonstrando vigorosamente o quanto sentíamos falta dos membros ausentes. Isto revelaria tanto a simplicidade como as recompensas de ganhar almas, e estimularia o desejo de conquistar outras pessoas para o evangelho.)

Quando as Pessoas Não Estão em Casa

Um aspecto que significaria muito, seriam as folhas de papel em branco, medindo uns 7 por 12 centímetros, disponíveis cada sábado. Deviam ser usadas para alguma nota *pessoal*, *escrita a mão*, enfiada debaixo da porta, quando ninguém se encontrava em casa. Achamos ser isto muito superior a qualquer cartão impresso e padronizado que pudéssemos produzir. Este fator pessoal, embora pequeno, seria de inestimável valor. Os ministros muitas vezes têm

Alastramento

L. WALKER

Tenessi — EE. UU.

que todos os que desejassem participar do programa de visitação, trouxessem lanche cada sábado. As famílias trariam um ou dois pratos de alimento, e nós os repartiríamos para a refeição de sábado numa das dependências da igreja. Este companheirismo nos uniria mais firmemente ainda, fortalecendo-nos para a tarefa de fortalecer os outros. Asseguraria maior número de obreiros em prontidão para realizar visitas, pois muitos com excelentes intenções nunca conseguiam resistir ao convidativo sofá após a refeição tomada em casa, no sábado. A fim de facilitar o regresso dos que tinham de ir para casa após o culto, marcamos para as duas horas da tarde o tempo de nos reunirmos.

Após a merenda em conjunto, congregávamos nos santuário, cantávamos um ou dois hinos apropriados e orávamos sobre os nomes e as condições dos que constituíam objeto de nosso interesse. Analisávamos então os problemas que surgiam em nosso trabalho, semana após semana. Isto levava quinze a trinta minutos,

considerado uma bênção não encontrar ninguém em casa durante certas ocasiões em que uma mensagem escrita enfiada debaixo da porta preparou o caminho para o posterior encontro pessoal. O mesmo parecia lógico para o nosso programa de visitação.

O passo seguinte foi dar um nome ao nosso programa. Queríamos algo que incentivasse a mente das pessoas, ao mesmo tempo que desse uma idéia de nosso objetivo. Sentimos que Deus no-lo deu: Operação Alastramento.

Deus — Alma — Irmão

Os últimos três meses confirmaram a veracidade da seguinte declaração: "Procurei o meu Deus, mas não O pude ver; procurei minha alma, mas não consegui encontrá-la; procurei meu irmão e achei todos os três." A linguagem humana é incapaz de descrever o espírito que resultou da Operação Alastramento. Em equipes de duas ou três pessoas, temos visitado dois a quatro lares cada sábado à tarde. A cooperação mantém-se inalterável. Algumas famílias que faltam nalgum sábado ocasional, estão fielmente de volta no sábado seguinte, e se acontece alguém retirar-se, sempre parece haver alguém para preencher seu lugar. Manifesta-se um sentimento de prontidão espiritual que aquece o coração. Mais de um terço das vinte e tantas pessoas que estavam sob a disciplina da igreja foram recuperadas como resultado direto de nosso esforço. Os inválidos recebem a mais cabal atenção. O grande número de membros que participaram da Operação Alastramento possuem mais profunda compreensão das necessidades espirituais da igreja. Além disso, testemunharam por si mesmos os milagres operados pela solicitude pessoal para com os indivíduos. Estamos agora ampliando o trabalho, para incluir os interessados evangelísticos. Já há pessoas freqüentando regularmente a igreja em resultado disso. Até o fim de 1965, foram efetuadas mais de 1.000 visitas pessoais através da Operação Alastramento. E quando houver aquela fatídica reunião de negócios da igreja para considerar os nomes a serem disciplinados, como palpitará o coração do pastor com o pensamento, de que certas pessoas não se encontram na lista, em virtude de alguém manifestar solicitude por elas!

Cuidando dos Bebês e das Refeições Especiais

Descobrimos meios de melhorar nosso programa, e procuramos aproveitá-los ao máximo. Por exemplo, temos agora uma senhora responsável para providenciar alguma pessoa competente que cuide dos bebês de casais que desejam tomar parte no programa. Também estimulamos a idéia de que cada família que o puder fazer, permaneça para o lanche em conjunto, mesmo

que não lhe seja possível participar da visitação. Há dois motivos para isto: (1) Acharmos inestimável o companheirismo na refeição de sábado; e (2) sabemos que bastará apenas uma refeição ou duas para ficarem imbuídos do espírito de evangelismo do Nôvo Testamento, de que se acha impregnada a Operação Alastramento. E insistimos com *todos* os visitantes para que permaneçam até tomarem o lanche conosco. Eles não somente recebem uma refeição especial — ficam também com ótima impressão dos adventistas do sétimo dia.

Naturalmente, há muitas alterações que poderiam ser introduzidas nesta espécie de programa. Contudo, quaisquer que elas sejam, devem caracterizar-se pela solicitude pessoal.

Quando eu era estudante no colégio e seminário, muitas vêzes tinha vontade de saber quais os sentimentos experimentados pelos apóstolos ao transmitirem a mensagem de Cristo, Aquêlo que revelava solicitude para com as pessoas. A Operação Alastramento — que consiste em interessar-se na condição espiritual das pessoas — proporcionou-me mais do que uma resposta parcial.

Os Discos Voadores e . . .

(Continuação da pág. 10)

"Esses habitantes podem ter formas muito diversas das que conhecemos; podem ser superiores aos humanos. No Tibete jamais nos apegamos à idéia de que o homem é a forma mais elevada e mais nobre da evolução. Cremos que em outra parte podem ser encontradas formas muito mais elevadas, que não arremessam bombas atômicas.

"No Tibete se têm visto ESTRANHOS APARELHOS NO AR. A maioria os chama de 'CARRUAGENS DOS DEUSES.' O Lama Mingyar Dondups declarou que um grupo de Lamas costumam estabelecer contato telepático com êsses 'deuses,' que disseram haver estado observando a Terra, aparentemente do mesmo modo que os humanos observam os animais selvagens e perigosos de um jardim zoológico." 14

O escritor francês, Gastão Lenormand, registra através de sua pena, as ocorrências vividas por um amigo seu, periodista aventureiro, que penetrara no Himalaia. Por meio de extensa carta menciona seu amigo, Pedro D'Habereau, a vasta experiência obtida nas zonas um tanto misteriosas do Oriente, e que depois Lenormand consigna numa de suas obras.

Expressa Pedro D'Habereau, ter observado nos lugares que visitara, atos de devoção, fanatismo e magia que o deixaram assombrado.

(Continuará no próximo número)



“Batizai Pessoas em Tôda Parte”

W. K. MANSKER

Evangelista da Associação de Iowa, EE. UU.



TODOS os ministros devem acatar sèriamente a ordem do Senhor: “Ide, portanto, e tornai tôdas as nações Meus discípulos; batizai pessoas em tôda parte no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.” S. Mat. 28:19 — *The New English Bible*.

O Senhor falava sério ao dizer o que está registado nesta passagem. E devia ser uma fonte de coragem e inspiração para nós o vermos esta ordem ser obedecida.

Às vèzes podemos ter a idéia de que nossa obra consiste em algo diferente do que fazer discípulos e batizá-los. É fácil esquecer as decisões dos apóstolos no tocante a suas próprias responsabilidades, como o exprimem estas palavras: “Não é correto abandonarmos a pregação da Palavra de Deus para servirmos às mesas.” Atos 6:2 — *Revised Standard Version*. Esta resolução inspirada possibilitou-lhes levar o evangelho a todo o mundo naquela geração. Talvez, quando tivermos a mesma idéia, seja o evangelho levado novamente ao mundo todo numa geração.

Muitos Ministros Perturbados

Quando transmitimos o evangelho fielmente, nêle existe poder para fazer discípulos. Que devemos realizar em seguida? Jesus disse que devem ser batizados. Apreciaria que refletíssemos nestas perguntas: Quem deve ser batizado? Quando deve ser batizado? Por que deve ser batizado?

Sei que muitos ministros serão perturbados com estas perguntas. Às vèzes, ao receber o relatório do total de batismos de cada ministro, ouvimos comentários como êstes: “Quisera saber quantos dêles eram crianças!” ou “Devem ter sido batizados às pressas.” Depois de pres-

tar atenção a muitas observações semelhantes, cheguei à conclusão de que não exprimem tanta inveja como parecem, mas antes revelam uma mente perturbada com as perguntas: Quem? Quando? Por quê?

Tenho certeza que todos nós acreditamos em declarações como esta: “Há necessidade de uma preparação mais cabal da parte dos candidatos ao batismo,” e que não deve haver “indevida precipitação” no batizar os candidatos. Entretanto, suponho que nem mesmo um entre cem ministros decidiu, ainda que apenas por convicção própria, qual o significado destas declarações.

Por exemplo: Certo ministro declarou que nem sequer cogitaria de batizar uma criança antes que ela tivesse doze anos de idade. Outro ministro foi igualmente positivo em que não batizaria alguém que não houvesse freqüentado os cultos de sábado pelo menos durante seis semanas. Outro disse que êle pessoalmente não batizaria um fumante que não houvesse passado pelo menos um mês sem fumar. Tais afirmações nunca seriam feitas se alguém não estivesse perturbado acêrca da questão. Em vez de indicar certeza, revelam exatamente o contrário. Essas declarações, porém, não encontram apoio algum na Bíblia ou no Espírito de Profecia.

Batizado Depois da Meia-Noite

No relato do Nôvo Testamento encontra-se um interessante episódio que pode lançar luz sôbre o assunto em consideração. Paulo e Silas foram realizar reuniões em Filipos. Sabiam que sua mensagem não era muito popular, mas pregaram-na assim mesmo. Logo foram encarcerados. À meia-noite êstes dois batalhadores da cruz cantaram hinos de louvor e súplica a Deus. Repentinamente ocorreu um terremoto. O an-

jo do Senhor aproximou-se e soltou as algemas de Paulo e Silas, e eles ficaram livres!

De acôrdo com os regulamentos das prisões daquele tempo, todo carcereiro que deixasse escapar os detentos, tinha de perder a própria vida. O carcereiro, pensando que os presos haviam fugido, estava a ponto de suicidar-se. Mas Paulo bradou-lhe: "Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos!" O homem ficou tão comovido com o que ocorrera, que desejou inteirar-se do que era pregado por aquêles homens. Prestou atenção ao que lhe foi ensinado do evangelho. Aceitou-o, e foi batizado nessa mesma noite. Considerai isto: Os estudos bíblicos começaram depois da meia-noite, e tôda a família foi batizada antes do amanhecer. Há alguns hoje que não se teriam regozijado com semelhante relatório.

Refletindo sôbre esta emocionante história, não posso deixar de perguntar-me se tôdas as crianças tinham doze anos ou mais. Como me seria útil saber a resposta a essa pergunta! Alguns estão bem persuadidos de que uma criança não deve ser batizada antes de ter idade suficiente para compreender o que realmente significa o batismo. Todos sabemos que na Igreja Adventista constitui ponto de doutrina o não batizarmos infantes. Que é um infante? Diz um dicionário que infante é "uma criança de peito, um bebê, uma criança nova e pequena." Pode ser uma "pessoa de menor idade." Na linguagem clássica infante era "uma criança nova — QUE AINDA NÃO FALAVA."

Tiago White e o Batismo

Vem-me à memória um incidente no começo da Igreja do Advento (encontra-se em *Pioneer Stories of the Second Advent Message*, de Artur Spalding). Em certa igreja do Maine um grupo de dez ou doze crianças desejava ser batizado. Instaram com os pais e os dirigentes da igreja para que mandassem chamar um ministro que as batizasse. A igreja tôda fez o possível para dissuadi-las. As crianças não esmoreceram, e finalmente alguns pais escreveram para Tiago White, pedindo que viesse batizá-las. Os membros da igreja ficaram apreensivos com a notícia de que elas seriam batizadas, e disseram: "Que pensarão o Sr. White poderão estas crianças dizer de sua experiência?"

Contudo, Tiago White examinou as crianças, cujas idades variavam de sete a quinze anos, achou que estavam preparadas para o batismo e passou a administrar o rito. Que êste impávido e jovem ministro, o qual nesse tempo contava seus conversos às dezenas, batizasse essas crianças apenas para fazer número, é um absurdo. Ele as batizou por duas razões: Sentiu que Deus o chamara para administrar êsse rito,

e tinha certeza de que as crianças estavam prontas para recebê-lo.

Quem Para Julgar o Quê?

Ponderemos por um momento sôbre a pergunta: Quem deve ser batizado? Primeiramente, se pregarmos como convém, as pessoas terão a convicção de que devem ser batizadas. Depois que Filipe estudara com o eunuco, êste indagou: "Que impede que seja eu batizado?" Êste homem aprendera o evangelho e o aceitara. Desejava ser batizado.

Os requisitos preliminares para o batismo, apresentados na Bíblia, são muito claros e simples. Ei-los: 1. Ser ensinado. 2. Crer. 3. Arrepende-se. Gostaria de salientar que o único dêles em que sou capaz de formar juízo com a mente humana que tenho, é o primeiro. Posso avaliar se a pessoa foi ensinada. Preciso, porém, confiar na palavra da pessoa referente a sua fé e arrependimento.

Ora, quanto a êsse primeiro requisito, em que me é possível julgar um pouco, a exigência bíblica é que a pessoa seja ensinada. Não diz se durante uma semana, um mês, um ano ou um dia. No caso do eunuco, Filipe estivera com êle apenas pouco tempo, quando foi feita a pergunta: "Eis aqui água; há alguma razão para eu não ser batizado agora?"

Relembremos a ocasião em que Pedro foi chamado à casa de Cornélio. Pedro reconheceu a direção divina nessa questão, e ao chegar à casa de Cornélio, começou a pregar o evangelho. Depois, antes de concluir aquêle sermão, ordenou que essas pessoas fôssem batizadas. Diz Atos 10:46 e 47: "Então perguntou Pedro: Porventura pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados êstes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo? E ordenou que fôssem batizados em nome de Jesus Cristo."

O que Pedro fez nesta ocasião suscitou um interrogatório por parte dos dirigentes. Êle explicou o que sucedera, acrescentando esta interessante observação: "Quem era eu para pensar que pudesse impedir a operação de Deus?" Atos 11:17 — *The New Testament in Modern English*.

Por que era necessário batizar essas pessoas? Elas já haviam crido. Já se haviam arrependido. Deus já as estava guiando por meio do Espírito Santo. Sendo assim, talvez alguém dissesse: "Esperemos até o próximo outono ou até a primavera, para prová-las. Estas pessoas foram pagãs durante muitos anos, e se nos apressarmos demais quanto a isso, poderão reincidir em alguns dos seus antigos costumes pagãos." Quando começamos a pensar desta maneira, farnos-ia bem lembrar as palavras de Pedro: "Quem era eu para pensar que pudesse impedir a operação de Deus?"

Parece, às vezes, que não atribuímos ao batismo a mesma importância que lhe foi dada pela igreja primitiva. Quando as pessoas que ouviram a pregação de Pedro no dia de Pentecostes se convenceram do pecado, e indagaram como poderiam escapar do terrível fardo da condenação, receberam uma resposta sem rodeios: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados." Atos 2:38. Estas pessoas se encontravam sob intolerável peso de pecado. Desejavam desvencilhar-se d'êlo. Não podiam suportá-lo. Que fizeram os apóstolos? Batizaram-nas *naquele mesmo dia*.

Alguns ministros assemelham-se ao jovem tímido que está bastante enamorado mas sente-se muito temeroso das responsabilidades do casamento. Seu mais acalentado sonho é unir-se com a jovem de sua escolha. Inclina-se a isso, mas o pensamento da responsabilidade duma família enche-lhe o coração de medo. Assim também, nosso mais acariciado sonho como ministros é batizar grande número de pessoas, mas aflige-nos a visão da responsabilidade. Quais as perguntas que surgem à mente? — Estão elas preparadas? Têm idade suficiente? Que dirão os membros da igreja? Que dirão meus colegas de ministério? Posso realmente saber que continuarão a ser fiéis? Como saberei a maneira de proceder?

A dificuldade está em que freqüentemente assumimos as responsabilidades de Deus com nossas próprias forças. Tentamos decifrar os corações, embora o Senhor nos diga claramente ser isto impossível. Como poderemos saber quem continuará firme e fiel até o fim? Nem sequer o sabemos a respeito de nós mesmos. Cada dia precisamos orar a Deus nesse sentido. É-nos dito que se apagarão alguns de nossos mais brilhantes luminares. Quando isto suceder, examinaremos então os registros para ver

quem os batizou, a fim de lhe atribuímos a culpa?

Nós ministros somos às vezes incoerentes. Percorreremos terra e mar, passaremos falta de alimento e repouso, e deixaremos nossos familiares sôzinhos, para podermos fazer um discípulo. Depois de o termos feito, hesitaremos então acêrca do batismo até êle perder o interesse. Não é que não desejemos fazer o que é correto. Apenas não decidimos o que é correto. Receamos intervir no nascimento espiritual por temer que o recém-nascido cristão tenha uma experiência deformada.

Almas Batizadas é o Nosso Alvo

Na minha opinião, cada ministro deve ter o alvo pessoal de batizar toda alma não batizada que encontrar. Convém que lhes faça saber que isto é seu alvo, que o deseja realizar para benefício d'êles, e que o batismo é um dos passos para o reino.

Quem deve ser batizado? Todos os que foram ensinados, que crêm e se arrependem. Quando devem ser batizados? Em qualquer tempo que os objetivos acima tiverem sido alcançados. Por que devem ser batizados? Porque é uma das exigências que Cristo estabeleceu à entrada de Sua igreja. As pessoas precisam ser batizadas. "Cristo o estabeleceu como condição positiva à qual têm de atender os que desejam ser reconhecidos como estando sob a jurisdição do Pai, do Filho e do Espírito Santo." — *Test. Sel.*, Vol. 2, pág. 389. Leio também em *Testimonies*, Vol. 4, pág. 40: "Exige-se de vós que vos arrependais, creiais e sejais batizados."

De vez em quando é bom reexaminarmos a razão de sermos ministros. Fomos chamados por Deus para fazer discípulos e batizá-los. Convém que os não batizados pensem no batismo quando nos vêem. Devem sentir que nos importamos com a sua salvação.

O Pregador Inquietante

O Conselho da Igreja decidiu preencher a vaga na paróquia, e considerava o que um candidato tinha a dizer sobre sua própria pessoa: "O Senhor me habilitou a pregar com poder, e tenho obtido algum êxito como escritor. Alguns afirmam que sou bom organizador, e fui um líder em muitos lugares onde trabalhei. Entretanto, algumas pessoas têm restrições a meu respeito. Conto com mais de cinquenta anos de idade. Minha saúde não é muito boa, embora eu ainda consiga realizar bastante trabalho. Com efeito, tenho até exercido minha profissão para conseguir a manutenção. Jamais preguei num único lugar durante mais de três anos consecutivos, e a maioria de minhas igrejas têm sido pequenas, apesar de estarem localizadas em grandes cidades. Não me dei muito bem com outros dirigentes religiosos nas localidades em que labutei. Alguns d'êles me ameaçaram, conduziram-me aos tribunais e até me agrediram fisicamente. Fui vítima de perseguições, e me vi obrigado a partir para outros lugares após minha obra causar tumultos e agitações. Se puderdes usar-me, asseguro-vos que farei o máximo que estiver ao meu alcance."

O Conselho da Igreja não se interessou absolutamente em chamá-lo. Êle jamais "serviria" para essa igreja — era demasiado idoso, demasiado enfêrmo, demasiado contencioso. Alguém perguntou então ao Secretário o nome do pretendente — e obteve a resposta: O Apóstolo Paulo.

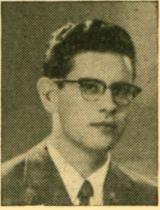
— *The Signs of the Times.*



MÚSICA

Gemas da Música

HUGO DARIO RIFFEL



A CHAMOS conveniente fazer e publicar breve recopilación de citações e opiniões acêrca da música e, principalmente, de sua relação com a religião. Era nosso propósito incluir também importantes citações do Espírito de Profecia; seu grande número, porém, nos

obriga a dedicar-lhes um espaço especial. Desejamos que estas citações sejam de real benefício para os ministros. A ordem seguida é simplesmente alfabética, não indica a importância do autor.

“Quando te faltam as palavras, canta irmão, canta.” (Santo Agostinho)

“(A música) . . . produz em mim profundo estado de devoção e profunda contemplação do Compositor por excelência. Nela há mais divindade do que descobre o ouvido.” (Beethoven)

“O significado do canto é profundo. Quem pode expressar em palavras lógicas o efeito que a música produz sobre nós? Uma espécie de linguagem inarticulada, insondável, que nos conduz à beira do infinito, e por momentos nos permite contemplá-lo.” (Carlyle)

“A arte da música, tal qual a conhecemos, passou uma infância serena e próspera sob o cuidado da Igreja. Foi educada de maneira virtuosa e cristã, e podemos adivinhar ao acaso que uma quarta ou terça parte da melhor música de que dispomos hoje é em certo sentido música religiosa.” (Sir. W. Davie)

“Entre pessoas que cantam, senta-te com toda a confiança; os perversos não têm canção.” (Goethe)

“Algumas pessoas cultas podem ser afugentadas duma igreja que recusa elevar o nível de sua música religiosa. Seria muito desafortunado para a igreja apresentar um nível musical inferior ao que o público educado, não crente, espera encontrar nela. A igreja de nossos dias não deve ficar atrasada no tocante a sua música.” (H. Hannum*)

“O objeto da música é o estado da alma. Comove a alma como nenhuma outra arte, porque penetra nela muito mais profundamente.” (Hegel)

“A música tem admirável facilidade para apresentar à mente, com mais penetração do que qualquer outro meio sensível, os modos e variedades de tôdas as paixões mentais; de maneira que sem levar em conta as considerações materiais, a própria harmonia dos sons é capaz de apaziguar a alma atormentada, e despertar vigorosamente a devoção.” (Hooker)

“Para que a música eclesiástica possa progredir, devem os ministros compreender a natureza de seu acervo. Em especial aquêles que são diretamente responsáveis pelos serviços da igreja, no órgão, no cântico ou no púlpito, devem conhecer a história e a explicação racional desse meio que pode favorecer ou prejudicar a função que desempenham.” (Langford)

“Quem não gosta da música, nunca poderá ser meu amigo.” (Lutero)

“A música é a expressão de idéias mais importantes e profundas que quaisquer outras do mundo visível; idéias que se concentram naquelas que é a sede de toda a beleza, toda a ordem e toda a perfeição.” (Cardeal Newman)

“Já no começo da era cristã se descobriu que a religião popular é modelada em grande parte pelas idéias incorporadas em seus hinos. Os sermões amiúde passam por cima da cabeça dos crentes; as orações oferecidas em nome deles freqüentemente não conseguem captar-lhes o coração e a inteligência; mas seus cânticos se apegam à memória, dão colorido à seus pensamentos e modelam sua teologia, muito mais que qualquer ensino deliberado.” (W. S. Nindé)

“Desde o próprio início, o espírito da religião foi mais perfeita e cabalmente reproduzido em sua música, e até as várias etapas que atravessou em muitos séculos sucessivos são exatamente figuras da arte que com mais clareza representa o aspecto espiritual do homem.” (Sir H. Parry)

“A música, êsse perfeito modelo de elegância e precisão, não foi dada aos homens pelos deuses imortais com o único objetivo de deleitá-los e agradar a seus sentidos, mas antes para apacar as aflições de seus espíritos e as sensações de desassossêgo que forçosamente devem padecer os corpos imperfeitos.” (Platão)

“Ó música, tu que trazes as ondas da eternidade ao cansado coração do homem, quando êste se encontra na praia e anseia cruzar o mar! És a brisa vespertina desta vida ou o ar matutino da futura?” (João Paulo Richter)

“A música desperta, inflama e entusiasma a alma, enchendo-a de ânimo para as grandes ações, de entusiasmo para as boas obras, de piedade pelas grandes misérias, de alegria pelos triunfos alcançados, de recolhimento pelo próprio pecado.” (Alfredo Rodríguez G.)

“(A música) . . . é mais convincente que todos os meus livros de filosofia.” (Jorge Sand)

“A arte da música tem sua natureza própria

e sua função especial. O canto começa onde terminam as palavras; o inexprimível constitui o domínio da música.” (Rabindranath Tagore)

“Foi na atividade da religião que a música se encontrou a si mesma. Dela surgiu principalmente sua ciência, se desenvolveu sua técnica, se realizou sua habilidade, se ampliou seu campo de expressão, se tornou visível sua força transcendental, e seu conteúdo de beleza se impregnou de significado eterno.

“Porque se a religião é a atividade principal e mais necessária do espírito humano, e a música é a expressão mais completa do espírito humano, então quanto maior fôr a música, mais religiosa deverá ser.

“A música ajuda os homens a encontrar a Deus e os põe também em contato com a simpatia de seu próximo.” (Bryan Wibberley)

* H. B. Hannum é um excelente organista adventista. Dotado de grande talento e possuidor de extraordinária cultura, exerce a função de professor de órgão e teoria no “La Sierra College.”

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Relação Entre as Setenta Semanas de Daniel 9 e os 2.300 Dias de Daniel 8

(Continuação)

ÊSTE conceito — de que os 490 anos são subtraídos do período de 2.300 anos — parece ser a única conclusão acertada. Que o período das setenta semanas é separado ou subtraído de algum tempo, é indicado pelas duas citações mencionadas atrás. E o tempo de que foi “separado” ou “subtraído” parece ser o período mencionado na visão de Daniel 8, a saber, o período dos 2.300 anos. Guilherme Hales (*A New Analysis of Chronology*, 1833, Vol. 2, pág. 517) chegou à seguinte conclusão, há mais de um século no passado:

“Esta profecia *cronológica* . . . evidentemente tencionava explicar a visão precedente [capítulo 8], especialmente a parte *cronológica* dos 2.300 dias.”

Com êste conceito concordaram plenamente, se bem que de modo independente, dezenas de eruditos em várias organizações religiosas de

muitos países, desde o tempo de João Petri, na Alemanha, de 1768 em diante.

4. SETENTA “SEMANAS DE ANOS” INDICADAS PELO CONTEXTO E PELO USO. — A palavra traduzida por “semanas,” em Daniel 9:24, é *shabu'im* (singular, *shabua'*). *Shabua'* simplesmente denota uma unidade de sete, e pode designar tanto um período de sete dias como de sete anos. O significado deve ser determinado pelo contexto e o uso. Na literatura posterior à Bíblia também pode ser claramente demonstrado o significado de “sete anos.”* *Hebdomas*, vocábulo empregado na Versão dos Setenta para traduzir *shabua'*, é usado para períodos de sete dias e também para períodos de sete anos. A aceção que lhe é dada ali também precisa ser determinada pelo contexto e o uso. Cumpre observar que êste último emprêgo da palavra pode ser demons-

trado na literatura clássica desde o sexto século antes de Cristo. (Consultar o termo *hebdomas* no *A Greek-English Lexicon*, de Liddell e Scott.)

Somos, portanto, levados a concluir, em harmonia com uma multidão de eruditos, que em Daniel 9:24-27 o profeta usou *shabua'* para designar um período de sete anos literais. Para nós, as seguintes razões são persuasivas:

a. *Shabua'* ocorre seis vezes em Daniel 9:24-27. Em cada uma delas o substantivo aparece *sem qualificação*. Noutra parte do livro de Daniel, *shabua'* ocorre apenas no capítulo 10:2 e 3. Nesta última passagem o significado é claramente “um período de sete dias,” pois os versículos descrevem o jejum de Daniel — de três semanas literais, evidentemente. Convém notar, no entanto, que *shabua'*, da maneira como é usado aí, está qualificado pela palavra *yamin*, “de dias,” o que na margem da *King James Version* (inglês) é indicado como “semanas de dias.” Ora, o próprio fato de que Daniel, o escritor inspirado, achou necessária essa qualificação quando eram indicadas simplesmente semanas de sete dias, por certo sugere que quando ele usava a palavra sem qualificação, como em Daniel 9:24-27, sua intenção era designar um período de sete anos. É a Versão dos Setenta, neste sentido, segue o exemplo do hebraico. Ela traz apenas *hebdomas* em Daniel 9:24-27, mas dá-lhe a qualificação “de dias” em Daniel 10:2 e 3. A distinção e o intento são óbvios.

b. Foi mencionado (ver a Pergunta 24) que um aspecto característico da profecia *simbólica* é apresentar os componentes períodos de tempo, não literalmente, mas de forma simbólica. Também foi demonstrado que Daniel 9:24-27 é uma seqüência da explicação literal da visão simbólica iniciada em Daniel 8:19-26. Sendo que Daniel 9:24-27 é uma parte da *explicação literal* da visão simbólica, teríamos logicamente de esperar que os elementos de tempo fôssem dados igualmente em termos literais. Tal é o caso se a *shabua'* fôr atribuído aí o evidente significado de “sete anos.” De modo geral, entre os eruditos judeus, católicos e protestantes, aceita-se que se *shabua'* em Daniel 9:24 tem o significado de “sete anos,” então setenta *shabu'im* indicam claramente um período de 490 anos.

5. SUBDIVISÕES DE UMA UNIDADE GLOBAL. — Aparece primeiro uma declaração geral da duração do período, e depois os pormenores da maneira em que se daria o cumprimento. As setenta semanas, coletivamente, foram divididas por ênfase em três segmentos desiguais — 7 semanas, 62 semanas e 1 semana, dando um total de 70. Uma explanação ou um evento importante estavam relacionados com cada uma das partes. Cremos serem estas apenas subdivisões de uma unidade cronológi-

ca, ocorrendo as três partes uma após a outra, sem interrupção. (As razões para isto serão expostas na Pergunta 26.)

Notai as circunstâncias: Jerusalém estava em cativeiro, e o santuário, ou o Templo, em ruínas. Veio então a “ordem,” ou emissão duma série de decretos, para restaurar e reedificar Jerusalém. De acordo com Esdras 6:14, esta ordem abrangeu três decretos progressivos e relacionados entre si, dados em seqüência por Ciro, Dario e Artaxerxes. ** O decreto de Ciro (que apenas ordenou a restauração do Templo) foi emitido em 537 A. C.; o de Dario Histaspes (que confirmou a ordem e continuou a obra da restauração do Templo) foi promulgado provavelmente em 519 A. C.; e por fim, o decreto culminante saiu em 457 A. C., no sétimo ano de Artaxerxes Longímano, que enviou Esdras à Judéia com novos privilégios e prerrogativas.

O Templo foi concluído em 515 A. C., no sexto ano de Dario (Esdras 6:15). Mas somente em 457 A. C. se obteve autorização para a completa restauração da cidade. Isto antevia a nação judaica recebendo plena autonomia, com meios para aplicar suas próprias leis — sujeita, naturalmente, à soberania do Império Persa (Esdras 7:11-26). Foram portanto necessários os três decretos, principalmente o de Artaxerxes, para completar e constituir a “ordem” ou o propósito de Deus. ***

As sete semanas iniciais (ou 49 anos) possibilitaram a reconstrução das ruas e dos muros de Jerusalém. As 62 semanas adicionais (ou 434 anos) atingiram ao tempo em que devia aparecer o Messias. Este período de 62 semanas, em contraste, foi uma extensão de anos um tanto calma ou silenciosa, incluindo o tempo entre Malaquias, o último dos profetas, e João Batista, precursor do Messias e aquele que O batizou. Foi, significativamente, um período em que não houve especiais comunicações proféticas da parte de Deus para o povo.

Contudo, as sete semanas de anos iniciais, juntamente com as 62 semanas, devem ser consideradas como ininterrupta unidade cronológica de 69 semanas (Dan. 9:25), sem lacuna ou solução de continuidade. São um total de 69 “semanas” de anos (perfazendo 483 anos) conduzindo à semana final de sete anos, no meio da qual seria “tirado” o Messias.

Percebe-se que os 483 anos (69 “semanas”), se estendem até à unção de Jesus como o Messias, pelo Espírito Santo em Seu batismo (S. Luc. 3:21 e 22). Cremos que Ele iniciou Seu ministério público em 27 A. D., após Sua unção (S. Mar. 1:14; S. Luc. 4:18; Atos 10:38; Heb. 9:12). Mas as setenta semanas de anos não deviam terminar antes de ocorrer a morte expiatória de Cristo (ver a Seção 9), resultando em seis eventos específicos — indicados pelas

seis cláusulas consecutivas do verso 24. Ei-las: (1) os judeus completariam sua transgressão através da rejeição de Jesus como o Messias, (2) o Messias daria fim aos sacrifícios pelo pecado, (3) Ele faria reconciliação pela iniquidade, (4) Ele traria justiça eterna, (5) a visão deveria ser selada ou autenticada, e (6) deveria ser ungido o Santo dos santos.

Seria, porém, "depois" das 69 semanas de anos — todavia dentro da última ou setuagésima semana — que o Messias havia de ser "tirado," o que é o ponto focal desta profecia. Cremos que quando nosso Senhor ascendeu ao Céu, e o Espírito Santo desceu como sinal da investidura de Cristo como Sacerdote celestial, nenhuma destas especificações de Daniel 9:24 ficou sem ser plenamente cumprida.

Conforme reconhecem muitos eruditos cristãos, Jesus iniciou Seu ministério público no próprio início da final ou setuagésima semana de anos, declarando: "O tempo está cumprido" (S. Mar. 1:15). E nesta derradeira "semana" de anos, assim iniciada, Ele confirmou por Sua vida e ensinamentos, e ratificou por Sua morte, o concerto eterno da graça, que Deus fizera com a família humana. Devido a Sua morte, ressurreição e ascensão na "metade" da setuagésima semana, Ele não permaneceu na Terra durante a segunda metade desta semana. Mas Sua mensagem e missão continuaram a ser pregadas por algum tempo (possivelmente três anos e meio) aos judeus em Jerusalém, pelos primeiros evangelistas. Destarte o prazo de graça para Israel continuou por breve espaço de tempo, e as setenta semanas completaram seu curso designado.

* Quanto às "semanas de anos," notai o seguinte dos escritos judaicos:

1. Acerca de que "Ele confirmará o concerto com muitos por uma semana" (Dan. 9:27), diz Midrash Rabbah: "'Semana' representa um período de sete anos." — *Lamentations*, Ed. Soncino, pág. 65, nota 3.

2. Sobre "setenta semanas estão determinadas" (verso 24), declara o Talmude: "Esta profecia foi proferida no início do cativeiro de setenta anos em Babilônia. Desde a restauração até à segunda destruição diz-se que houve 420 anos, perfazendo ao todo 490, isto é, setenta semanas de anos." — *Nazir* 32b, Ed. Soncino, pág. 118, nota 6.

3. No tocante a que "Ele confirmará o concerto com muitos por uma semana," afirma o Talmude: "Uma semana em Daniel 9 significa uma semana de anos." — *Yoma* 54a, Ed. Soncino, pág. 254, nota 6.

4. A respeito das "setenta semanas" — isto é, sete vezes setenta anos — declara J. J. Slotki: "A fraseologia enigmática pode ter sido sugerida pelo ciclo de sete anos de Lev. XXV. A expressão 'semana de anos' ocorre na *Mishnah* (Sanh. v. 1)." — *Daniel, Ezra, and Nehemiah*, pág. 77.

5. Escreve Isaque Leaser: "Antigos escritores judaicos achavam que o segundo tempo permaneceu em pé durante 420 anos, os quais com os 70 anos do cativeiro babilônico, somam 490." — *The Twenty-four Books of the Holy Scriptures* (1853), sobre Daniel 9:24 e 25, pág. 1243, nota 47. Leaser também faz alusão a Rashi e outros comentaristas, que reconhecem aí "semanas-anos" (nota 48). Acerca das "sessenta e duas semanas" (verso 25), diz Slotki: "Jerusalém será uma cidade plenamente restaurada durante um período de 434 anos." — *Op. cit.*, pág. 78.

** Foram necessários os três decretos — de Ciro, de Dario e de Artaxerxes — para cumprir a "ordem" de Deus

(Esdras 6:14). Ao chegar, porém, o ano 457 antes de Cristo, a "ordem" de Deus estava completa. Por conseguinte, cremos que 457 A. C., o sétimo ano de Artaxerxes, constitui a data inicial do período profético mencionado em Daniel 9:24.

*** Quanto a ser 457 A. C. o sétimo ano de Artaxerxes, e portanto a data determinante, ver *The Chronology of Ezra 7* (1953), de Siegfried H. Horn e Lynn H. Wood. (A confirmação pormenorizada para esta data aparecerá sob a Pergunta 27.)

6. O MESSIAS "TIRADO" POR MORTE VIOLENTA. — A precisão dos eventos finais das setenta semanas é deveras impressionante. A confirmação do concerto caracteriza a setuagésima semana, com a morte do Messias "na metade da semana." E mesmo o lugar, ou a cidade, em que devia ser efetuada a expiação é revelado aí. O Messias, o Príncipe, ou o Príncipe Ungido* (Daniel 9:25; comparar com Atos 10:38) viria, não como glorioso conquistador e emancipador, mas para ser "tirado" (*karath*) + por morte violenta e vicária (comparar com Isa. 53:8). Esta palavra comumente é usada para a penalidade da morte. Isto não seria em benefício d'Ele mesmo (Dan. 9:26 — K. J. V.) — seria uma morte substituinte. ++ Ocorreria por ordem judicial, ou violência da turba. E isto se daria na "metade" (*chasi*) da semana (verso 27). O Messias foi tirado *pelo* homem ou *para* o homem. Este era o meio pelo qual deveria cumprir-se a profecia.

Achamos que essa "metade" é peremptória, designando um ponto em que deveria ocorrer algo — a morte de Jesus Cristo, o Messias, que pensamos tenha ocorrido na primavera de 31 A. D., exatamente 3 anos e meio após Sua unção e o início de Seu ministério público. Mesmo que seja tomado o ano 30 A. D. como a data da crucifixão, ainda se encontra no meio desta última semana de anos. A Vulgata de Jerônimo diz *dimidio hebdomadis* ("na metade da semana"). Essa é igualmente a tradução da K. J. V., de Rau, Boothroyd, Sawyer, Spurrell, Young, Rotherham, Knox, Rheims-Douay, da A. R. V., da Bíblia alemã de Lutero e da francesa de Martin e Osterwald, bem como da Versão Almeida, em português. ** Mesmo a *Revised Standard Version* (inglês) que traduz aí a palavra *chasi* por "pelo meio da," em outras partes verte a mesma palavra por "na metade de" (Josué 10:13; Salmo 102:24; Jer. 17:11).

Ademais, no momento da morte de Cristo como o Cordeiro de Deus, todos os sacrifícios típicos encontraram seu cumprimento antítipo. Souo o seu dobre de finados. A maneira sobrenatural em que se rasgou o véu do Templo (S. Mat. 27:50 e 51) era a declaração do Céu de que os simbólicos sacrifícios e oblações de animais, por parte dos judeus, perderam a eficácia, e haviam para sempre cessado no

plano de Deus. A senda de acesso à presença divina foi aberta por Cristo (Heb. 10:19 e 20). Podia o homem aproximar-se agora diretamente de Deus, sem a intervenção de um sacerdote humano, pois Cristo, e Cristo somente, constituía o nôvo e vivo "caminho" (S. João 14:6). O cumprimento correspondeu plenamente às especificações da profecia, que declarava: "Ele "fará cessar o sacrificio e a oferta de manjares" (Dan. 9:27).

Não se atribuiu especial importância ao ponto terminal da setuagésima semana. Ocorreria depois que se cumprissem tôdas as seis especificações. Numerosos eruditos têm afirmado que a rejeição dos judeus, como o povo do concêrto de Deus, não sucedeu antes de apedrejarem a Estêvão, o primeiro mártir cristão (Atos 7:57-60). Quando terminaram as setenta semanas de anos, irrompeu geral perseguição sôbre a igreja (Atos 8:1). Declarava a profecia que o concêrto seria confirmado durante "uma semana" (Dan. 9:27). Durante a última parte desta profetizada setuagésima semana, os apóstolos pregaram a morte sacrificial, a ressurreição e a ascensão de Jesus Cristo em Jerusalém, até o culminante sermão de Estêvão, sob o Espírito de Deus, resultar no seu martírio, quando a mensagem do Messias finalmente foi rejeitada pelos judeus (Atos 7).

* Concordamos com Keil e F. Delitzsch, *Bible Commentary on the Old Testament, The Book of Daniel the Prophet*, págs. 354, 355 e 360), em que existe apenas um que ao mesmo tempo é sacerdote e rei, segundo a ordem de Melquisedeque (Heb. 5:6-10; 6:19 e 20).

+ A palavra hebraica *karath* aparece 180 vêzes no Velho Testamento. Na maioria delas é traduzida por "exterminado," como "os malfeteiros serão exterminados" (Salmo 37:9), a "descendência dos ímpios será exterminada" (Sal. 37:28; ver também os versículos 9, 34 e 38).

++ Sôbre a cláusula "e nada terá" ("e já não estará" — na Ed. Revista e Atualizada no Brasil) (Dan. 9:26, margem), muitos eruditos no hebraico admitem que o significado é: Ele nada possuirá então — nem povo, nem posição, nem reconhecimento, nem reino. Será despojado de tudo. (Entre eles encontram-se: Calvino, Ebrard, Kranichfeld, Kliefoth, Junius, Gaebelein, Morgan, Scofield.) Outras versões são: (1) "não para Si mesmo" — mas para os outros (Vitringa, Rosenmüller, Willett, Hävernick, Bullinger); (2) "não terá adeptos" (Auberlen, Grotius, margem); (3) "não haverá quem O ajude" (Vatalus); (4) "nada haverá para Ele" — nem cidade, santuário, reino ou povo (Pusey); (5) "não é para Ele" — Sua posição como Messias, que não Lhe foi concedida (Keil). Quão perfeitamente se harmoniza isto com a afirmação de que Ele "veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam" (S. João 1:11)!

** Os que sustentam que Cristo foi crucificado na "metade" da setuagésima semana incluem Keil, Pusey, Kliefoth, Jamieson, Faucett e Brown, Auberlen, Strong, Hävernick, Hengstenberg, Hoffmann, Delitzsch, Wright, Boufflower, Young e muitos outros.

7. **ÂLCANCE DO SÊXTUPLO CUMPRIMENTO.** — Mencionou-se algo concernente aos seis eventos profetizados que deviam ocorrer na "metade" dessa decisiva e setuagésima semana de anos. Todos êstes resultados insidem sôbre o supremo acontecimento da morte de nosso Senhor (Daniel 9:25), e têm que ver com o

Seu primeiro advento, não com o segundo. A morte sacrificial do Messias é fundamental, e é o evento culminante desta profecia. E êstes seis cumprimentos surgem dêsse fato consumado. Notai-os:

(1) *Para fazer cessar a transgressão* (verso 24). O sentido desta frase é o de levar a transgressão ao máximo. O ato de encherem os judeus a medida da iniquidade foi mencionado por nosso Senhor, ao dizer: "Enchei vós, pois, a medida de vossos pais" (S. Mat. 23:32; comparar com Gênesis 15:16). Seu pecado culminante foi, naturalmente, a rejeição e crucifixão do Messias. Desta maneira a nação passou a linha de que não haveria retorno. "Eis que a vossa casa vos ficará deserta," declarou Jesus (S. Mat. 23:38). Isto cumpriu a profecia do Mestre: "O reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que Lhe produz o respectivos frutos" (S. Mat. 21:43).

(2) *Para dar fim aos pecados, ou ofertas pelo pecado* (*chattá'th*; comparar com Lev. 4:3, 21, 24 e 32). Quando foi efetuado o grande sacrificio no Calvário, e o Cordeiro de Deus, o verdadeiro sacrificio, foi morto para tirar o pecado do mundo (S. João 1:29), isto acabou com as ofertas cerimoniais pelo pecado. Diz Daniel 9:27: "Fará cessar o sacrificio e a oferta de manjares." O véu do Templo rasgou-se quando Jesus morreu. No Calvário as ofertas cerimoniais pelo pecado perderam tôda a eficácia, e logo cessaram completamente.

(3) *Para expiar a iniquidade.* Por meio da morte do Filho de Deus, efetuou-se cabal expiação para a redenção do mundo perdido. "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (II Cor. 5:19). Fêz-se a paz pelo sangue da Sua cruz (Col. 1:20). Fomos reconciliados com Deus mediante a morte do Seu Filho (Rom. 5:10), e com os apóstolos nos regozijamos em Deus "por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem acabamos agora de receber a reconciliação" (verso 11).

(4) *Para trazer a justiça eterna.* A morte de Cristo não tornou imediatamente justos todos os homens, mas Seu sacrificio proveu os meios tanto para imputar como para comunicar ao pecador penitente a justiça de Sua vida inocente e santa. "Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo Sua misericórdia, Êle nos salvou" (Tito 3:5). E agora podemos "declarar a Sua justiça pela remissão dos pecados que são passados" (Rom. 3:25 — K. J. V.). Êle veio "cumprir tôda a justiça" (S. Mat. 3:15). E n'Ele temos a certeza de que a justiça logo encherá a Terra, e que o pecado será banido para sempre, quando Êle vier em glória com todos os Seus santos anjos.

(5) *Para selar a visão e a profecia.* Esta profecia das setenta semanas, que se centraliza no grande sacrifício de nosso Senhor, constitui o próprio selo de toda a profecia, pois em Cristo convergem a História e a Profecia. Num sentido específico, porém, este período de 70 semanas constitui o selo de toda a visão dos 2.300 dias-anos. O ato de selar a visão inteira é uma evidência adicional de que a profecia de Daniel 9 é uma continuação da explicação literária da visão de Daniel 8.

(6) *Para ungir o Santo dos Santos.* A expressão "Santo dos Santos" é usada exclusivamente com referência a coisas e lugares, e nunca a pessoas. Declara Dean Farrar (*The Book of Daniel*, 1895, pág. 278): "Nenhuma vez usada concernente a uma pessoa, embora ocorra quarenta e quatro vezes." A Tradução Brasileira traz "Santíssimo." Keil (*Op. cit.*, págs. 346, 348 e 349) salienta o ponto de que isto é um "novo templo," um "lugar santíssimo," o "estabelecimento do novo Santo dos Santos," em que será manifestada a presença de Deus.

Visto que o ministério de Cristo é efetuado no santuário celestial, não no terrestre, achamos ser isto óbvia referência à unção ou consagração do santuário celestial, como passo preparatório para a coroação e investidura de Cristo como rei e sacerdote (Heb. 8:2; 9:23 e 24), ou em conexão com elas — ocorrendo após Sua morte expiatória, ressurreição e ascensão, e antecedendo Seu ministério de intercessão em favor dos pecadores.

No tipo terrestre, o santuário-tabernáculo também foi dedicado solenemente, sendo todas as suas partes e instrumentos ungidos com santo óleo antes de se iniciar o ritual terrestre (Êxo. 30:26-28; 40:9). Semelhantemente, o grande antítipo, o santuário celestial, foi unguido e separado para os serviços celestiais e o incomparável ministério de Cristo nosso grande Sumo Sacerdote, no próprio Céu (Heb. 9:23 e 24). Para este ministério Ele também foi consagrado (Heb. 1:9; 7:28). Assim Cristo veio no tempo predito e realizou as coisas que estavam preditas. Ascendeu ao Seu ministério de intercessão por meio da cruz, e foi exaltado como Príncipe e Salvador. Cremos que Messias, o Príncipe (*Mashiach Nagid*), ou o "Ungido" (Dan. 9:25), refere-se a Cristo. De Sua crucifixão e ressurreição, dirigiu-Se para o assento do poder à destra de Deus (Heb. 1:3; 8:1; 9:24; 12:2). A aparente derrota da cruz tornou-se assim gloriosa e eterna vitória.

Acreditamos que esta série de cumprimentos confirma plenamente esta interpretação. Segundo nossa maneira de compreender, os eventos iniciais e finais das setenta semanas de anos harmonizam-se portanto uns com os outros, havendo completa unidade e concordância de todas as subdivisões que as compõem.

— *Questions on Doctrine*, págs. 275 a 288.

Pastor Tíquico

(Continuação da pág. 11)

e hipocrisia, *saudando-os dia a dia com aparente amizade, e ao mesmo tempo tramando contra eles em perfeita união com as agências satânicas* que operam para desarraigar, para demolir, para remover da instituição aqueles a quem o elemento descrente deseja ver removidos, enquanto nenhuma palavra é dita aos irmãos na fé para redimi-los, para curá-los se estiverem em erro; e se não estão em erro, para vingar o direito e fazer a censura a quem ela cabe — aos urdidores de uma má obra, *porque Satanás está atrás do cenário.*" — *Idem*, pág. 274.

"Foram os cristãos autorizados por Deus a criticarem-se e condenarem-se mutuamente? Será honroso, ou mesmo honesto, extorquir dos lábios de alguém, à guisa de amizade, segredos que lhe foram confiados? e em seguida fazer reverter em seu prejuízo o conhecimento assim alcançado? *Será caridade cristã, apanhar todo boato que por aí flutua, desenterrar tudo que lance suspeita sobre o caráter de outro, e então ter prazer em empregá-lo para o prejudicar?* Satanás exulta quando pode difamar ou ferir um seguidor de Cristo. Ele é o "acusador dos irmãos." — *Deverão os cristãos ajudá-lo em sua obra?*" — *Test. Seletos*, Vol. 2, pág. 23.

Poderás tu, amigo pastor, ser um Tíquico entre as igrejas de Deus? Se não, é tempo de acordar e compreender a verdadeira posição de um ministro cristão e fazer as necessárias reformas, se houver falta, para ser aprovado pela Onipotência.

Oh! que Deus nos dê mais "Tíquicos," que são de confiança no trato e na palavra, que enaltecem a Deus e Sua Obra e procuram estabelecer confiança nos seus dirigentes na Terra! Mas direis: "Não posso concordar com o erro!" Muito bem, nem Deus também concorda e por isso a Bíblia nos dá a solução de como agir.

Vá ao culpado, procure com amor corrigi-lo, *mas nunca falar aos inocentes.*

Que grande pastor, esse Tíquico! Ia aqui e acolá, levando as saudações do apóstolado às igrejas, animando, confortando, intercedendo, engrandecendo a Deus, os servos de Deus e a obra de Deus. Inspirava coragem e comunicava as bênçãos que Deus havia proporcionado.

Tens tu, amigo e colega, sido um Tíquico na Obra de Deus?

"Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, *seja isso o que ocupe o vosso pensamento.*"

BIBLIOGRAFIA:

1. Efés. 6:21 e 22.
2. Col. 4:7.
3. Tito 3:12.

Prazeres do Pecado

NO sopé das Montanhas Kaylass existe um distrito que está repleto de flores perfumosas. Certa vez tive de passar por uma região que continha um jardim destas flores, com vários quilômetros de extensão. A beleza e fragrância das flores proporcionaram-me grande prazer. Nesse momento um homem saiu da floresta e disse apressadamente: "O senhor não deve permanecer aqui; êste é um lugar perigoso; muitos têm morrido aqui." Fiquei surpreso e perguntei-lhe:

— É o lugar que é venenoso, ou existem criaturas venenosas aqui?

A resposta que êle me deu foi bastante significativa:

— Nada sei a êsse respeito, mas se o senhor aspirar o aroma destas flores durante algum tempo, será dominado pelo sono. Uma vez adormecido, nada o conseguirá despertar dê-se sono. Sabe-se de alguns que dormiram desta maneira durante dez ou doze dias; e isto termina em morte. Sendo que vivo na floresta aqui por perto, procuro fazer com que as pessoas que desconhecem êste perigo conheçam tudo a respeito.

Ao ouvir isto, refleti o seguinte: Esta flor não pode causar dano por si mesma. Mas quando seu aroma é inalado, não existe mais qualquer desejo por alimento ou alguma outra coisa. Deus quer que usemos para nosso bem, o mundo e as bênçãos ao nosso redor; mas se permitirmos que estas coisas nos desviem, seduzam e insensibilizem, sofreremos grande perda espiritual. Além disso, seremos privados do anelo pela nutrição espiritual, e a avidez por dinheiro e outras coisas afinal resultará em morte.

— *Sadhu Sundar Singh*

(S. Mar. 4:19; Heb. 3:13)

Pregação do Evangelho

IDOSO puritano aconselhou certa vez seus irmãos mais novos a pregar:

"Um evangelho completo — Cristo e nada menos;

"Um evangelho simples — Cristo e nada mais;

"Um evangelho puro — Cristo e nenhuma outra coisa."

Disse um pregador: "Preguei filosofia, e os homens aplaudiram; preguei a Cristo, e os homens se arrependeram."

— *A. P. Gibbs*

(Gál. 1:6-10)



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do

Sétimo Dia
Editado pela

Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira

Gerente — Bernardo E. Schuenemann

Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:

J. J. Aitken e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50



Ano 32

Nº. 3

NESTE NÚMERO

CAPA: © A. Devaney, Inc.

TESTEMUNHO DE BILLY SUNDAY 2

EDITORIAL

Homicidas Modernos
Enoch de Oliveira 3

ARTIGOS GERAIS

Justificação Pela Fé
Oscar Lindquist 4
Os Discos Voadores e o Espiritismo — I
Miguel Alvarez 7

OBRA PASTORAL

Pastor Tiquico
Rodolpho Belz 11
Operação Alastramento
Haroldo L. Walker 12

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

"Batizai Pessoas em Toda Parte"
W. K. Mansker 15

MÚSICA

Gemas da Música
Hugo Dario Riffel 18

PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA

Relação Entre as Setenta Semanas de Daniel
9 e os 2.300 Dias de Daniel 8 (Con-
tinuação) 19

ILUSTRAÇÕES

Prazeres do Pecado 24
Pregação do Evangelho 24

